

Interferência nos Polissistemas Literários Dependentes¹

Itamar Even-Zohar

Tradução por Isabella Aparecida Nogueira Leite **

Nas “Leis da interferência cultural” (acima) sugeri a distinção entre os sistemas literários relativamente *independentes* e *dependentes*. Em um primeiro momento, as literaturas se desenvolvem mais ou menos dentro de suas próprias esferas. Como foi o caso das literaturas inglesas e francesas durante os últimos 150 anos. No segundo momento, a literatura pode ser dependente de outra literatura em uma extensão relativamente grande e pode usá-la como se fosse parte de si mesma. Enquanto para uma literatura independente (ou para um ou outro indivíduo, em uma ou outra situação particular), uma literatura estrangeira pode ter importância de dependência apenas secundária ou temporária, o que se torna uma condição para sua própria existência por um longo período de tempo. Esse foi o caso de quase todas as literaturas europeias emergentes durante a Idade Média vis-à-vis o latim, ou com a maioria das literaturas de nações novas ou reemergentes desde o século XVIII (flamengo [i.e., na Bélgica] vs. francesa, norueguês vs. dinamarquês, checo vs. alemão, ucraniano vs. russo).

A maioria dos capítulos a seguir são dedicados ao processo regente das literaturas *dependentes*, com a presença predominante do caso do hebraico. A interferência tem dominado o polissistema hebraico desde a antiguidade, e em certos períodos de sua existência tornou-se um *sine qua non* para a sua vitalidade persistente. A acádia, o aramaico e possivelmente o grego foram sucedidos pelo árabe durante o século X (DRORY, 1988), e pelo francês, o italiano, o alemão e as línguas eslavas nos séculos seguintes. Portanto, não parece desadequado realizar uma tentativa de formular algumas das características particulares que podem ser observadas em uma interferência desse tipo. Isso pode ajudar a localizar uma discussão um tanto particularista e detalhada do caso hebraico-ídiche-russo em uma estrutura mais geral.

A principal condição para uma literatura se tornar dependente é que ela deve ser *fraca*. Isso não resulta necessariamente de fraqueza política ou econômica, embora muitas vezes parece estar correlacionada com condições materiais que permitem a interferência por meio de pressão (como subjugação) ou de outra forma (como relações de maioria-minoria ou de proximidade). A menos que uma comunidade seja forçada a assimilar, se nenhuma condição cultural surgir para fomentar uma situação “fraca”, dificilmente haverá qualquer dependência, mesmo nos casos de pressão. Se olharmos para a história das grandes conquistas, dificilmente encontraremos um caso no qual o poder político sozinho, como fator inicial, causou interferência cultural entre os sistemas. As tribos germânicas que conquistaram a *Roménia* (Itália, França, Espanha) adotaram os vernáculos românicos e as culturas dos povos dominados ao invés de vice-versa, porque o sistema destes se encontravam em uma posição fraca vis-à-vis os sistemas daqueles países que a ocuparam. Por outro lado, os celtas na Gália adotaram a cultura latina nos tempos antigos não porque eles foram forçados a tal, mas porque era uma cultura “mais forte” do que a deles, i.e., podiam oferecer funções não existentes (ou pouco desenvolvidas) em sua própria cultura. No entanto, a longo prazo, o latim *não* substituiu totalmente a língua e a cultura local, mas *interferiu* de tal forma que o resultado foi de um sistema unificado. Da mesma forma, o “francês” (tanto língua como cultura) se desenvolveu com interferência de elementos germânicos. No entanto, nem o latim e nem o eventual sistema unificado nunca se estabeleceram em regiões periféricas (notavelmente a Bretanha, ainda predominantemente

gaélica). Outros casos paralelos marcantes são os do árabe e do persa. Embora seja verdade que o persa emprestou fortemente lexemas árabes e integrou-os em seu próprio sistema (para não falar do alfabeto árabe),² as letras árabes, durante o período Abássida, se apropriaram do repertório literário persa (assim como da cultura geral). Ambos os sistemas (a língua persa e as letras árabes) foram reestruturados por essas interferências. Isso aconteceu porque ambos se tornaram mutualmente “fracos”: tendo adotado o islamismo, os persas não resistiriam à língua. A literatura árabe, por outro lado, foi confrontada com um sistema que tinha muito a oferecer, justamente quando suas normas antigas estavam em processo de ruptura, seus repertórios domésticos não tinham alternativa(s) atrativa(s) para oferecer.

É então que a fraqueza do repertório literário vis-à-vis uma situação na qual não consegue lidar que determina principalmente se um sistema estrangeiro pode ou não ser acessado. Em uma situação fraca, um sistema é incapaz de funcionar, limitando-se apenas ao seu próprio repertório. Em casos extremos, este repertório é praticamente bloqueado e torna-se inutilizável, o que muitas vezes deixa uma opção de abandonar o sistema ou continuar usando através de algum sistema *externo* disponível.

Insuficiência de recursos pode significar tanto falta (no caso de novas culturas emergentes que ainda não tiveram tempo de desenvolver seu repertório) como bloqueio (em sistemas por vezes bastante ricos) por vários fatores operantes no sistema. Naturalmente, a insuficiência (ou a suficiência) é um estado relativo: somente quando um sistema é confrontado com outro, enquanto certas condições surgirem simultaneamente, que ele pode desenvolver um comportamento fraco. Não existe valor numérico atribuído à insuficiência e, portanto, nenhuma taxa universal. No entanto, parece possível determinar um princípio amplo, um parâmetro, de insuficiência. Isso pode ser baseado na noção de sistema ideal, sugerido acima (“Teoria dos Polissistemas”), como uma implicação indispensável da hipótese do polissistema. O conceito de ideal é uma hipótese sobre a (1) estrutura polissistêmica ideal (i.e., conjunto de relações hierárquicas), bem como as estruturas ideais de (2) repertório(s) considerados necessários para os mecanismos de produção e consumo sem os quais um sistema não consegue funcionar.

Quando confrontados com um estado no qual esse ideal não consegue mais ser mantido, e dependendo do poder as pressões exercidas, os sistemas empregam uma ampla gama de soluções. Em muitos casos extremos, a insuficiência do sistema em questão pode levar a adotar outros sistemas, criando assim, polissistemas bilíngues ou até mesmo multilíngues. A frequência de tais soluções é a evidência clara de seus poderes de prevenir a desintegração de um sistema. Normalmente tais estruturas são abandonadas quando se torna possível. Isso acontece não porque a junção (ou simbiose) não consegue se sustentar (nossos dados demonstram que elas conseguem se sustentar com êxito por um longo período de tempo), mas porque sistemas unilíngues (onde “uni” é um conceito relativo) são provavelmente mais fáceis de se manter, e porque seus repertórios são mais acessíveis a um número maior de membros da comunidade em questão. O crescente nacionalismo desde o século XVIII encorajou a rejeição de sistemas estrangeiros, enquanto os processos de democratização aumentaram o alcance social de consumidores de alta cultura, tornando assim a diversidade linguística indesejada. (A menos, é claro, que haja um acordo sobre o tipo de nacionalismo através do qual a noção de identidade coletiva pode ser expressa. Em tais casos, a diversidade não será neutralizada, mas mantida e incentivada. Para uma breve discussão sobre essa questão ver Even-Zohar 1986a.)

Em casos menos extremos, um sistema, embora preparado para utilizar outro sistema, não o adota diretamente, mas o utiliza através de transferência. Assim pode inovar seu próprio repertório impondo as funções dos outros sistemas nos seus próprios.

Evidentemente, em vários estágios de fraqueza, vários graus de interferência são atualizados, com possíveis alterações entre eles. Além disso, todas as soluções podem ser movidas simultaneamente, ou seja, adotar sistemas externos direta ou indiretamente, embora não sendo necessário ter o mesmo nível. Por exemplo, um polissistema pode consistir em sistemas linguisticamente diferentes, enquanto o repertório de cada (ou de apenas um) pode empregar principalmente procedimentos de transferência em vez de empréstimos diretos. O polissistema russo dos anos de 1800, para ter um caso possível, adotou de forma simultânea o francês (língua, literatura e cultura) como um de seus sistemas e também substituiu suas soluções – em vários níveis – com inovações russas. Assim conseguiu manter um sistema ideal através dos usos diretos e indiretos do francês. Naturalmente, quanto mais rico o sistema fica mais fácil de tornar acessível as possibilidades de *disfarças* as apropriações. Por outro lado, apropriações evidentes são às vezes exigidas por um sistema em situações de crise, em que as inovações devem ser evidentes e não ocultas.

O caso hebraico, discutido na maioria dos capítulos seguintes, é um caso interessante para todos esses processos. Durante sua longa história, o hebraico mudou de centro com o declínio dos antigos centros para as comunidades que o carregavam. No decorrer do final do século XVIII e início do século XIX, mudou-se gradualmente da Itália e da Holanda para a Áustria e a Alemanha, depois para os territórios do Império Russo, onde permaneceu até a emigração em massa da Rússia e o declínio da cultura hebraica na URSS, finalmente chegando à Palestina. Na Rússia, a intelectualidade judaica tornou-se aos poucos familiarizada com a cultura russa. A literatura hebraica desenvolveu rapidamente relações de dependência com o russo, usando-o como repertório imediato para inovações. Essa relação tem uma longa história de alternância. O que se parece mais valioso nesses casos é a notável situação “reversa”, que quase parece um paradoxo. Quando as letras hebraicas existiam em terra eslava, apropriações claras e diretas foram rejeitadas em favor de dispositivos de transferência sutis e indiretos, muitas vezes disfarçados. Em compensação, longe da Rússia, na Palestina britânica, uma nova geração que dificilmente conhecia russo estava preparada para receber apropriações de longo alcance, cuja natureza russa era clara e evidente. Essa parece ser uma evidência clara da prioridade do estabelecimento sistêmico sobre as mudanças nas condições de “realidade”. Provavelmente, podemos chegar à conclusão de que enquanto o repertório doméstico não conseguir oferecer alternativas e enquanto as condições de contato contínuo não forem eliminadas, todos os outros fatores poderão ser neutralizados. Apropriações bem-sucedidas podem funcionar por um longo tempo, apesar de seu caráter estrangeiro nos sistemas fora da literatura. Os israelitas, que não conheciam russo, adotaram, nos anos 1940, modelos russos (ou melhor, russificados) sem hesitação, como muitos futuros seguidores, nos anos 1950, e até mesmo hoje. E mesmo naquelas áreas, onde o repertório russificado foi retirado do centro, foi ainda perpetuado em várias periferias (por exemplo, poesia popular e infantil, cantigas infantis).

Paralelamente a sua dependência do russo, a literatura hebraica manteve uma longa relação simbiótica com o ídiche (que acabou desaparecendo durante a Primeira Guerra Mundial). Há séculos, o sistema ídiche funcionou como um sistema não canonizado do sistema hebraico, assim, permitindo que o hebraico se mantivesse um polissistema e um repertório periodicamente revitalizado. Durante a Primeira Guerra Mundial, esse polissistema se desfez. O centro do hebraico se moveu para a Palestina, onde o hebraico também se tornou a língua falada da comunidade aos poucos alcançando autossuficiência em certos níveis. O ídiche manteve-se por algum tempo na Europa Oriental e nos Estados Unidos, mas foi gradualmente substituído pelos idiomas locais desses países e foi

completamente destruído pelas atrocidades do holocausto e do pós-guerra (como a eliminação das altas intelectualidades ídiche, pelo Stalin, em 1948). A relação secular foi assim dissolvida, mas o papel do ídiche, assim como o do russo, na formação da cultura hebraica moderna, ainda é visível na situação atual, quando a relação de dependência não prevalece mais.³

Interference in Dependent Literary Polysystems

First version published under the title "Interference in Dependent Literary Polysystems." In *Actes du VIII e Congrès de l'AILC* (Budapest: Hungarian Academy of Sciences, and Stuttgart: Bieber), 1981: 617-622.

¹ Primeira versão publicada com o título "Interference in Dependent Literary Polysystems". No *Actes du VIII e Congrès de l'AILC* (Budapest: Hungarian Academy of Sciences, and Stuttgart: Bieber), 1981: 617-622. *Poetics Today* 11:1 (Spring 1990). Copyright © 1990 by The Porter Institute for Poetics and Semiotics. ccc 0333-5372/90/\$2.50.

** Bacharelada em Letras Tradução Inglês/Português pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2017).

² Em períodos anteriores de sua história, os persas usavam outros números sistemas de escrita.

³ Para uma discussão mais detalhada de todos os problemas mencionados, veja os capítulos que se seguem.

REFERÊNCIAS

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem Studies* (=Poetics Today 11:1). Durham: Duke University Press, 1990.

_____. "Polysystem Theory"; In: *Polysystem Studies*. Poetics Today 1979 I, 1-2, pp. 287-310.